

## ARQUEOLOGIA MÍTICA: UM BREVE ESBOÇO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE ABORDAGENS MITOLÓGICAS NA ARQUEOLOGIA

*Orestes Jayme Meza  
Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva  
Lennon Oliveira Matos<sup>65</sup>*

### RESUMO

Este ensaio esboça as inquietações levantadas à Arqueologia que se pratica sem a preocupação de se estabelecer diálogos mais profundos com outras fontes além da cultura material. Defende-se neste ensaio um maior uso dos mitos e da ciência da mitologia comparada, além da psicologia analítica, como fontes importantes de reflexões que podem se revelar de grande auxílio na interpretação do registro arqueológico. Outra questão abordada neste ensaio poderia ser sintetizada nesta pergunta: Seria a cultura material inteligível desvinculada dos mitos que fundamentavam a cultura que a produziu?

**Palavras-chave:** Mitologia Comparada; Psicologia analítica; Registro Arqueológico; Cultura Material.

*“O que sabemos é uma gota, o que ignoramos é um oceano”  
Isaac Newton*

Costuma-se definir a arqueologia como a ciência que estuda a cultura material de povos pretéritos ou, para ser mais específico, como a ciência que estuda os “restos materiais de uma atividade exercida pelos homens no passado” (Jean Claude Gardin apud FUNARI 2003: 13). Neste sentido a arqueologia é uma ciência voltada para os objetos, as coisas. Entretanto, há aqueles que discordam de tal ponto de vista, defendendo uma

---

<sup>65</sup> UNIVASF.

arqueologia que estuda as sociedades que produziram as coisas e não as coisas em si. Isso é um enorme progresso. Contudo, este ensaio defende uma terceira visão sobre a arqueologia: a de que ela não deve se restringir à cultura material em si e sim estudar o passado (assim como o presente) das diferentes sociedades através de todas as formas possíveis. Assim, o “conhecimento dos primórdios” (FUNARI 2003: 13), ou o “relato das coisas antigas” (FUNARI 2003: 13). Em outras palavras, a arqueologia, tem muito a ganhar ampliando seus métodos e suas fontes para o entendimento do passado.

Para alcançarmos o passado de uma sociedade podemos utilizar sua cultura material e sua cultura imaterial (que também poderíamos chamar provisoriamente de ideologia<sup>66</sup>). Entre aquilo que chamamos de cultura imaterial está todo o repertório das tradições orais e escritas transmitido por gerações. Constituindo o cerne da cultura imaterial está a mitologia, que agrega a cosmologia, o sistema de valores e as inquietações e esperanças metafísicas e, além disso, os próprios fundamentos sobre os quais se apoiam ou se explicam todos os objetos que constituem a cultura material de um povo. Não se pode separar um objeto da ideologia a que faz parte. Um instrumento qualquer é parte da produção da ideologia como também é produto da mesma. Podemos até mesmo dizer que um objeto é a parte utilitária da ideologia, a parte palpável dela, assim como não seria exagero dizer que um objeto é ideologia materializada. Um artefato arqueológico muito antigo deixa de receber a significação ideológica da sociedade que o produziu. Quando isso acontece, o objeto está, por assim dizer, “morto”. Mas, quando um arqueólogo o encontra, este mesmo artefato recebe uma nova significação ideológica e, por assim dizer, volta a “viver”. Em essência, o trabalho dos arqueólogos consiste em reideologizar os objetos, livrando-os do domínio da mera materialidade, devolvendo a eles a parte que os fazem “vivos”, isto é, a imaterialidade da significação ideológica. Portanto, é de

---

<sup>66</sup> Neste artigo não tivemos a intenção de dar à palavra ideologia uma conceituação rígida que a colocaria automaticamente dentro de uma determinada “escola de pensamento”. Sugiro aos leitores que entendam a palavra ideologia num sentido amplo e flexível de discurso, o “conjunto de idéias e práticas de um povo”.

fundamental importância que o arqueólogo avance além da materialidade dos objetos que encontra. Caso não faça nenhum esforço neste sentido, corre o risco de cair num descritivismo enfadonho e pedante que explica muito sobre a sociedade a qual pertence o arqueólogo, mas muito pouco sobre a sociedade que produziu o objeto assim como o próprio objeto em si que, em última análise, é produto da vontade humana direcionada para objetivos socialmente determinados<sup>67</sup>.

Outro ponto importante a ser ampliado na arqueologia é a da interação entre cultura material e psiquismo. Os arqueólogos falam muito sobre cultura material, mas pouco refletem sobre a matéria em si. A matéria possui propriedades que ainda não foram de todo descobertas assim como igualmente não foram de todo descobertas as interações entre estas propriedades e o psiquismo humano. Tanto um quanto o outro não foram inteiramente explorados. Um dos grandes avanços da arqueologia foi a descoberta pelos físicos da possibilidade de métodos de datação. Isso só foi possível porque a física descobriu “novas” propriedades da matéria. Tal fato, por si só, nos faz refletir sobre quantas outras propriedades existem na matéria que ainda desconhecemos e quais seriam as interações desenvolvidas por sociedades com concepções muito diferentes das nossas sobre o tema. Uma reflexão sobre tais pontos pode ampliar o horizonte conceitual dos arqueólogos e abrir novas possibilidades de interpretação. É de nossa opinião que a incompletude de nosso conhecimento sobre o psiquismo humano deve ser levado em conta pela arqueologia.

Temos que ter muito cuidado ao descartar certas potencialidades de estudo ou classes de interpretações como sendo ilógicas ou fantasiosas apenas porque algumas correntes hegemônicas do pensamento científico ocidental são contrárias a elas. Realmente ilógicas e fantasiosas são as pretensões de que temos pleno conhecimento da matéria, do psiquismo e da interação entre ambos. O que os arqueólogos realmente

---

<sup>67</sup> Um arqueólogo, diante de um artefato, não importa qual seja, pode ter certeza de duas coisas: ambos, artefato e arqueólogo, foram “moldados” com uma imensa carga ideológica.

conhecem do passado humano? Fragmentos que se encaixam precariamente em esquemas ideologicamente ordenados onde diferentes métodos e abordagens são aceitos ou não mais por conveniência do que por “cientificidade”. A luz do conhecimento até agora adquirido é tão pequenina que não nos permite afirmar nada com absoluta certeza sobre nosso passado distante. Há mais escuridão que luz e temos que ter a madura humildade de nos reconhecermos ignorantes em relação a temas essenciais da arqueologia e estarmos sempre dispostos a rever nossos paradigmas<sup>68</sup>. Aqui temos que nos render aos mitos em sua reivindicação mais básica que é a de nos servir como uma ponte a mais para nosso passado longínquo.

Este ensaio defende que os arqueólogos só têm a ganhar sendo também mitólogos se desejam expandir seu horizonte conceitual e contextualizar melhor a própria cultura material que lhes chega às mãos. Um arqueólogo-mitólogo pode entender melhor o próprio mito onde está mergulhada sua cultura “científica”, o próprio “mito” da ciência mecanicista, e com isto não se iludir com a “cientificidade ingênua” da arqueologia que produz. Caso os arqueólogos fiquem somente na análise da cultura material como reflexo de sua própria construção cosmológica, terão poucas condições de contextualizar o registro arqueológico dentro de uma esfera mais ampla e viva da cultura de uma sociedade diferente da sua pois possuidora de outra cosmologia.

Os objetos em si não se explicam. A explicação de um objeto (sua função, sua importância, seu simbolismo dentro de uma sociedade) só pode ser melhor demonstrada se os arqueólogos chegarem a compreender os mitos da sociedade que estudam. A análise das diversas mitologias do mundo é algo que vem a se somar ao estudo da cultura material e não a substituir. Todas as sociedades estão fundamentadas em mitos: das sociedades animistas primitivas até as sociedades atuais. A necessidade de mitologizar o mundo está tão intrinsecamente ligada à humanidade como a fome e a sede. *Homo*

---

<sup>68</sup> “Nada é mais vulnerável que uma teoria científica – apenas uma tentativa efêmera para explicar fatos e nunca uma verdade eterna” (Jung 2008)

“mythicus” talvez seja uma definição mais adequada para nossa espécie que *Homo sapiens*. É bem verdade que muitas vezes os arqueólogos são obrigados a estudar sociedades cujos mitos desapareceram sem deixar vestígios escritos que nos permitam lê-los. No entanto, um estudo aprofundado dos temas mitológicos de diversas culturas do mundo nos revela que uma mesma estrutura é recorrente, o que nos faz pensar sobre se os mitos são, além de obviamente produtos culturais, também produtos da natureza humana em si, respostas a uma necessidade essencial da própria condição humana. Neste sentido, o criador da Psicoterapia do Encantamento, doutor Paulo Urban, chama a atenção para as semelhanças entre as diversas mitologias do mundo. Conforme este autor:

“Curiosamente, o estudo comparativo das mitologias nos leva a perceber a ocorrência de padrões temáticos universais que se disfarçam aqui e ali sob as mais distintas roupagens, conforme as diferentes culturas que os representam. Histórias do dilúvio, a crença no mundo dos mortos, a lenda do roubo do fogo sagrado, os mitos que personificam a Grande Mãe, ou a figura do bebê predestinado, achado numa cesta à deriva num rio, também a imagem do herói que nasce da virgem, a existência de ilhas utópicas etc, são apenas alguns dos incontáveis grandes temas que se repetem e estão por toda parte. Como entender este fenômeno? As respostas possíveis não são simples”. (URBAN: 2002)

Carl Gustav Jung também acreditava na possibilidade da existência de uma unidade psíquica entre todos os seres humanos. Unidade esta que se expressou mais fortemente nos mitos:

“(...) é possível que exista uma tendência psíquica pré-consciente, que, independentemente do tempo e do espaço, produza continuamente enunciados semelhantes, como é o caso dos mitologemas, dos motivos folclóricos e da produção individual dos símbolos” (JUNG 1952: 55)

A importância do mito para o entendimento de uma sociedade e de tudo o que ela produziu é que ele é, em si, um discurso numinoso<sup>69</sup> meio consciente meio

---

<sup>69</sup> Uma instância ou efeito dinâmicos não causados por um ato arbitrário da vontade. Pelo contrário, ele arrebatada e controla o sujeito humano, que é sempre antes sua vítima que seu criador. O numinoso – indiferentemente quanto a que causa possa ter – é uma experiência do sujeito independentemente de sua vontade. [...] O numinoso é tanto uma qualidade pertinente a um objeto visível como a influência de uma presença invisível que causa uma peculiar alteração da consciência (Jung C. G. CW 11, parág. 6).

inconsciente da própria sociedade e para ela exerce a mesma função que o sonho exerce para o indivíduo, isto é, o mito pode parecer estranho e até mesmo ilógico, mas encerra um significado profundo capaz de dar sentido à vida<sup>70</sup>. Sem o mito, a vida perde grande parte de seu sentido. Sem sentido, reduzida à sua esfera biológica, a vida se transforma em estorvo. Cabe ao mito o papel de encaixar os indivíduos que compõem uma sociedade numa teia de significados. Nos mitos e nos ritos a sociedade reconta sua “história” e preserva sua identidade, além de afirmar seu futuro. Portanto, o mito é um campo de memória integral, isto é, nele está contido não só o passado de uma sociedade mas também a explicação de sua condição atual e suas perspectivas e esperanças futuras. Matar o mito fundador de uma sociedade é destruí-la, é etnocídio, pois o mito é, tanto para a sociedade quanto para o indivíduo, uma orientação para a vida. Assim, os missionários enviados para catequizar os índios nas Américas sabiam que:

“Romper a força da crença pagã é destruir a própria substância da sociedade”  
(CLASTRES 1980: 55)

É também de Pierre Clastres o seguinte pensamento, que caracteriza o mito como o elemento legitimador das leis que regem as sociedades primitivas, isto é, daquelas sociedades que desconhecem a divisão social e a degradante dicotomia entre exploradores e explorados:

“De onde vem a Lei? Qual é a terra natal da Lei como fundamento legítimo da sociedade? É o tempo de antes da sociedade, o tempo mítico, é o espaço dos Ancestrais, dos heróis culturais, dos deuses, ao mesmo tempo imediato e infinitamente longínquo. Foi ali que se instituiu a sociedade como corpo indiviso, foram eles que editaram a Lei como sistema de normas, esta Lei que a religião tem por missão transmitir e fazer respeitar eternamente. O que quer isto dizer? É que a sociedade encontra seu fundamento no exterior de si mesma e não é autofundadora de si mesma: a fundação da sociedade primitiva não releva de decisão humana, mas da ação dos divinos.” (CLASTRES 1980: 149)

---

<sup>70</sup> “Os mitos são revelações originais da psique pré-consciente, afirmações involuntárias sobre acontecimentos psíquicos” (Jung C. G. CW 9i, parág. 261).

O mito é também o portador de uma verdade socialmente determinada capaz de explicar os fundamentos de uma sociedade. A divisão da sociedade hindu em castas é explicada pelos e para os próprios adeptos do hinduísmo através de mitos. A verdade socialmente determinada dos mitos constitui o poder ideológico de um segmento da sociedade sobre outros. Os nazistas desenvolveram o mito de que os “arianos” eram superiores a qualquer outra raça e, por este motivo, tinham o direito de tomar as terras de povos considerados inferiores, assim como arruinarem as vidas de alemães que não eram “arianos”. Tal mito dominou uma das sociedades mais desenvolvidas e “civilizadas” do já bastante “civilizado” século XX<sup>71</sup>. Isso é indicativo do quanto as populações atuais ainda são “vítimas” dos conteúdos inconscientes e das elaborações conscientes que se juntam a estes últimos para formarem longas teias de significados e darem a nações inteiras metas para a vida, sentidos para a existência<sup>72</sup>. Desta forma, por trás da imensa produção industrial alemã do período nazista, há o imprescindível fundamento mítico. O mito orientou a produção industrial bélica alemã, revigorou as forças morais de uma nação, fez de pacatos civis bravos soldados, deu sentido à vida de milhões de pessoas que aderiram à sua loucura e instaurou o reinado da carnificina no mundo inteiro. Que farão os arqueólogos de um futuro distante ao analisarem a cultura material do período nazista? Se ficarem somente na análise da materialidade dos objetos encontrados perderão a “substância” mais importante deles... o mito.

---

<sup>71</sup> O nazismo tem uma longa história relacionada com a mitologia. Tal história começa com os estudos linguísticos do século XIX sobre a expansão das línguas indo-europeias e termina no desenvolvimento de uma mitologia racial (e racista) onde os “arianos” eram vistos como superiores aos demais povos (para mais detalhes ver CAMPBELL 1959: 11-12)

<sup>72</sup> Multidões são dominadas por tiranos que sabem se utilizar de mitos para dar significado à vida. Sem o poder do mito, o poder dos tiranos seria muito menor. Em alguns casos extremos, o tirano pode servir como a própria “encarnação” do mito de uma nação.

## Referências Bibliográficas

ARESI, A. *Fundamentos Científicos de Parapsicologia*, São Paulo, Ass Mens Sana Instituto Nacional de Parapsicologia, 1979.

CLASTRES, P. *Arqueologia da Violência: Ensaio de Antropologia Política*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1980.

FUNARI. P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo, Contexto, 2003

JUNG, G.C...{et al.} *O Homem e seus Símbolos*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

URBAN, P. *Psicoterapia do Encantamento*. Revista Planeta nº 354/março 2002.

CAMPBELL, J. *Masks of Gods: Primitive Mythology*. Londres. Secker & Warburg. 1960